



v.13, n.27, 2016

Extra

Dossiê Teoria Crítica

“O TESOURO QUE NEM A FERRUGEM NEM AS TRAÇAS CORROEM”: DA CORPORALIDADE IMATERIAL DO DINHEIRO NA CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA [“THE TREASURE WHICH NEITHER RUST NOR MOTHS WILL DEVOUR”: ABOUT THE IMMATERIAL CORPORALITY OF MONEY IN THE CRITIQUE OF POLITICAL ECONOMY]

Álvaro Lins Monteiro Maia

Professor da Universidade Estadual do Ceará

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba

E-mail: alvarolinsmm@gmail.com

RESUMO ABSTRACT

Visa-se discutir a natureza do dinheiro na Crítica da Economia Política exposta n’O Capital, tendo como pano de fundo a posição de Žižek em Como Marx inventou o sintoma? de que o problema do material sublime do dinheiro – seu “corpo ‘indestrutível e imutável’ que persiste para além da degradação do corpo físico” – aparece como não solucionado por Marx. Para isso, optou-se por inverter a ordem de exposição clássica d’O Capital, partindo-se aqui do dinheiro como relação capital que, por sua vez, permite melhor compreender posteriormente o dinheiro como relação mercadoria na forma da sua corporalidade imaterial.

One aims to discuss the nature of money in the Critique of Political Economy as exposed in The Capital, having as background Žižek’s position in How did Marx invent the symptom? that the problem of the money’s sublime material – “its ‘indestructible and immutable’ body which persists beyond the corruption of the body physical” – appears as unsolved by Marx. To do that, it was decided to invert The Capital’s classical exposition order, starting here from the money as capital relation which, in turn, allows to later comprehend the money as commodity relation in the form of its immaterial corporality.

PALAVRAS-CHAVE KEYWORDS

Dinheiro; Corporalidade imaterial; Marx.

Money; Immaterial corporality; Marx.

1 Introdução: dinheiro e vida cotidiana como inversão universal na relação do capital com a aparência social

“O espetáculo é a outra face do dinheiro: o equivalente geral abstrato de todas as mercadorias. O dinheiro dominou a sociedade como representação da equivalência geral, isto é, do caráter intercambiável dos bens múltiplos, cujo uso permanecia incomparável. O espetáculo é seu complemento moderno desenvolvido, no qual a totalidade do mundo mercantil aparece em bloco, como uma equivalência geral àquilo que o conjunto da sociedade pode ser e fazer. O espetáculo é o dinheiro que apenas se olha, porque nele a totalidade do uso se troca contra a totalidade da representação abstrata. O espetáculo não é apenas o servidor do pseudouso, mas já é em si mesmo o pseudouso da vida.”

(Guy Debord. A sociedade do espetáculo, §49).

O presente artigo pretende traçar elementos na obra de Marx que permitam dialogar com a noção de corporalidade imaterial da coisa dinheiro, tal como exposta por Žižek em *“Como Marx inventou o sintoma?”*, no qual este autor percorre os desenvolvimentos que os conceitos da Crítica da Economia Política teriam alcançado na obra de Sohn-Rethel, sobretudo. Segundo Žižek, o problema do material sublime do dinheiro (sua corporalidade imaterial) aparece como não solucionado por Marx. A intenção deste estudo é, por conseguinte, não especificamente demonstrar que Marx tratou dessa questão e deu solução deliberada a ela, mas de apresentar que todos os elementos possíveis para o tratamento do problema da corporalidade imaterial do dinheiro (que toca diretamente na questão da abstração real) estavam já presentes n’*O Capital* e estudos preparatórios para o mesmo.

Imbuída do entendimento de que apenas o todo tem o poder da compreensão, esta análise propõe-se a tomar como ponto de partida não o dinheiro como mercadoria – a exemplo da ordem seguida por Marx n’*O Capital* –, mas partir antes do dinheiro já na sua forma capital para, daí, retroagir até a compreensão do dinheiro na sua forma banal e cotidiana de mercadoria equivalente universal. Desse modo, o processo de resolução das contradições presentes sobretudo na forma preço – que aparece como palco de exposição da corporalidade imaterial manifesta da coisa dinheiro – mostra-se de modo mais claro.

A percepção imediata que se tem da realidade, pois, desde a emergência das relações propriamente capitalistas de produção, dá-se sob a regência do poder ofuscante do dinheiro sobre as relações sociais reais. Na medida em que essas relações existem como coisa, essa coisa – o dinheiro – esconde sob seu brilho o teor real das relações sociais moderna em um processo não apenas de realização da abstração mas, sobretudo, de abstração da realidade em uma relação universal depurada das individualidades que a



compõem.

O dinheiro [...], como o indivíduo da riqueza universal, como proveniente ele mesmo da circulação e representando exclusivamente o universal, como resultado unicamente social, não pressupõe absolutamente qualquer relação individual com seu possuidor; sua posse não é o desenvolvimento de qualquer um dos aspectos essenciais de sua individualidade, mas, ao contrário, posse do desprovido de individualidade, uma vez que essa [relação] social existe ao mesmo tempo como objeto sensível, exterior, do qual se pode apoderar mecanicamente e que da mesma forma pode ser perdido. Logo, sua relação ao indivíduo manifesta-se [aparece (erscheint)] como puramente contingente; ao passo que, ao mesmo tempo, essa relação a uma coisa sem absolutamente nenhuma relação com sua individualidade lhe confere, pelo caráter dessa coisa, o poder universal sobre a sociedade, sobre o inteiro mundo dos prazeres, dos trabalhos etc. (MARX, 2011, p.165)¹

Como tradicionalmente se pôs, desde o ato mais simples da circulação de mercadorias – que se expressa pelo metabolismo material da produção social sob a forma M-D-M –, aquilo que é o imediatamente aparente dessa forma de sociabilidade moderna – as relações de troca mediadas pela coisa-dinheiro, na qual se encerra a relação realizada em forma corpórea –, essa forma aparente, portanto, existe contudo como expressão de uma relação essencial: a da circulação de dinheiro como capital formalizada na expressão D-M-D'. Assim, uma sociedade produtora de mercadorias – quer dizer, a existência do produto social sob a forma **exclusiva** de mercadoria – e relações mediadas pelo dinheiro em âmbito **generalizado** tornam-se possíveis – lógica e historicamente – somente em uma ordem de realidade regida pela relação capital de submissão da força de trabalho.

O dinheiro – simples figura metamorfoseada da mercadoria – só se transforma em capital quando a capacidade de trabalho já se transformou numa mercadoria para o próprio trabalhador [...]; só quando, em lugar do produto do seu trabalho, vende o próprio trabalho ou, mais exatamente, a sua capacidade de trabalho; só então a produção em toda a sua profundidade e amplitude se converte em *produção de mercadorias*, todo o produto se transforma em mercadoria e as condições objetivas de cada esfera da produção se apresentam nela como mercadorias. Só com base na produção capitalista a mercadoria se converte efetivamente em *forma elementar e geral da riqueza*. (MARX, 2004, pp. 142-143)²



Juntamente com a compreensão do processo de negação da realidade na abstração – que passa a valer como realidade efetiva –, trata-se então de compreender o imbricamento dessa inversão universal das individualidades com a condição social mediada objetivamente

1 MARX, Karl. *Grundrisse* [146], p. 165.

2 MARX, Karl. *Capítulo VI inédito de O Capital*, pp. 142-143.

sob a regência da relação de valor autorreferida (em seu processo de autovalorização), quer dizer, sob a regência do capital.

A dicotomia expressa na forma elementar da mercadoria entre valor de uso e valor – resultado já da dicotomia presente na produção entre processo de trabalho e processo de valorização – atualiza-se ainda em outra dicotomia entre mercadoria e dinheiro, na medida em que o valor adquire forma autônoma como valor de troca no preço e na moeda. Estas formas autonomizadas, tendo-se despregado do seu conteúdo real na atividade social, trocam-se com essa mesma atividade – o trabalho social – como se fossem potências estranhas, de outras instâncias, em um movimento no qual causa e efeito – essência e aparência – do processo se diluem mutuamente metamorfoseando-se em seu contrário. Nesse sentido, preço e moeda parecem se relacionar com o trabalho como símbolos arbitrários em cuja aparência luminosa é ofuscada a relação lógica e histórico-social com o mesmo. Por conta disso, a relação de exploração contida na troca de não equivalentes, expressa na relação de assalariamento, aparece como uma troca de equivalentes entre a força de trabalho e o “símbolo arbitrário” do dinheiro, que esconde o fato de que o trabalhador, com o trabalho apropriado pelo capitalista, paga seu próprio salário e dá ao capitalista o mais valor pelo qual seu capital se valoriza.

Esta perpetuação da relação entre o capital como comprador e o operário como vendedor do seu trabalho constitui uma *forma da mediação* imanente a esse modo de produção; é contudo uma forma que só formalmente se diferencia das outras formas mais diretas de sujeição do trabalho e da propriedade das condições de produção por parte dos possuidores dessas condições. *Encobre*, como *mera relação monetária*, a transição real e a dependência perpétua que tal mediação da compra/venda renova constantemente. Não são apenas as condições deste *comércio* que se reproduzem de maneira constante: o que um compra e o outro se vê obrigado a vender é um resultado do processo. A renovação constante desta relação de *compra/venda* não faz mais do que mediar a continuidade da relação específica de dependência e confere-lhe a aparência [Schein] falaz de uma transação, de um contrato entre possuidores de mercadorias dotados de iguais direitos e que se opõem de maneira igualmente livre. Esta relação introdutória agora apresenta-se, inclusivamente, como elemento imanente desse domínio do trabalho objetivado sobre o trabalho vivo que é gerado na produção capitalista. (MARX, 2004, p.137)³



A abstração resultante da forma dinheiro – que, enquanto nega a individualidade do trabalho e dos produtos gerados, universaliza as relações que os produzem – apaga toda diferença qualitativa expressa no valor das mercadorias – capital contante e variável, matérias-primas, instrumentos de trabalho, salário e mais valor – em uma figura matemática fria, no seu preço. Porém, as relações que a gestam ainda estão lá, ofuscadas, na figura nada inocente da mercadoria. “O processo imediato de produção é aqui, de maneira

³ Ibidem, p. 137.

permanentemente indissolúvel, processo de trabalho e processo de valorização assim como o produto é unidade de valor de uso e do valor de troca, isto é, mercadoria” (MARX, 2004, p.144)⁴.

As variações constantes nas figuras do preço, em contradição mesma com o próprio valor das mercadorias, atestam tão só e cabalmente o processo de autonomização da forma dinheiro em relação ao seu conteúdo real. Dada essa separação, o preço pode elasticamente adaptar-se às condições da apropriação de mais valor do trabalho fornecido. Quer dizer, o proprietário capitalista pode inicialmente, vender seu primeiro lote de mercadorias por um preço mais elevado em relação ao seu valor de produção, pensando em recuperar os custos provenientes do capital constante em um montante de produtos menor que o devido, para depois igualar e até mesmo reduzir abaixo do seu valor o preço dos lotes restantes para restituir o valor pago em salários e apropriar o mais valor gerado pelo trabalhador ao seu capital, que ele compreende na forma do lucro.⁵

No símbolo matemático expresso no preço das mercadorias esconde-se, portanto, toda particularidade da produção social no sistema capitalista. Esconde-se aí toda a expropriação das condições sociais de vida elaborada pelos indivíduos dessa sociedade. Na medida em que no dinheiro não se diferenciam as partes que o compõem, todo montante de dinheiro que adentra o mercado para funcionar potencialmente como capital, na proporção em que vai absorvendo mais valor e incorporando-o a si, não se mostra qualitativamente diferente de como iniciou todo o processo. Assim, o preço da força de trabalho pode aparecer como se nele fosse pago o preço de todo o trabalho. Quer dizer, mesmo que o capital inicial já se tenha duplicado, e que o investimento do capitalista já tenha sido pago pelo trabalho alheio de seus empregados assalariados; ainda assim, o capital jamais aparece como propriedade coletiva daqueles trabalhadores associados, mas aparece sempre como propriedade de si mesmo na sua figura personificada, o capitalista.

Compreende-se, assim, a importância decisiva da transformação do valor e do preço da força de trabalho na forma-salário ou em valor e preço do próprio trabalho. Sobre essa forma de manifestação [de aparição (Erscheinungsform)], que torna invisível a relação efetiva e mostra precisamente o oposto dessa relação, repousam todas as noções jurídicas, tanto do trabalhador como do capitalista, todas as mistificações do modo de



4 Ibidem, p. 144.

5 Todas essas variações, obviamente, também estão sujeitas às determinações sociais da concorrência: oferta e demanda etc. Mas o fato é que a dissociação entre valor e preço é que permite a existência dessas variações, dissociação que é condição mesma de existência das relações sociais em uma sociedade produtora de mercadorias em âmbito generalizado. Conforme assevera Teixeira: “... as mercadorias não podem ser vendidas por seus valores-trabalho. Elas divergem desses valores e essa divergência se expressa no seus preços de produção, que são, assim, a forma adequada dentro da qual se desenvolve a contradição entre valor e preço, ou, se se preferir, entre a essência e sua manifestação ao nível da aparência fenomenal”. In: TEIXEIRA, Francisco José Soares. *Pensando com Marx*. [Pelo fato de o texto ter sido publicado online em um formato editável, torna-se difícil precisar a página exata das citações.]

produção capitalista, todas as suas ilusões de liberdade, todas as tolices apologéticas da economia vulgar. (MARX, 2013, p. 610)⁶

2 As duas funções do dinheiro: medida de valor e meio de circulação

Diante do até então exposto, convém agora pormenorizadamente tratar de certa compreensão considerada pressuposta, a saber, do desenvolvimento das várias formas elementares do dinheiro capazes de esboçar, com o supraescrito, a possibilidade de pensar uma noção de corporeidade imaterial da forma dinheiro.

As determinações formais das relações econômicas desenvolvem-se de modo a cumprir certa função no metabolismo social, de modo que se pode considerá-las como “formas funcionais de existência”. Roman Rosdolsky, por exemplo, citando H. Block, “um lúcido crítico burguês de Marx”, comenta que: “no que diz respeito especificamente às funções do dinheiro, [...] ‘a clara separação dessas funções e da substância do dinheiro [o valor social], assim como das diferentes funções do dinheiro entre si, é uma característica relevante da teoria de Marx sobre o dinheiro” (ROSDOLSKY, 2001, p.123)⁷.

Nesse sentido, a primeira forma como o dinheiro aparece é a de medida dos valores, dada a função de espelho do valor da mercadoria equivalente universal (o dinheiro), pela qual seu corpo natural se torna forma de manifestação do valor (do mesmo modo que o trabalho concreto que a produz se torna forma de manifestação do trabalho geral abstrato, e, sendo também trabalho individual e privado, torna-se assim forma de manifestação do trabalho social).

A primeira função do ouro é de fornecer ao mundo das mercadorias o material de sua expressão de valor ou de representar [darstellen] os valores das mercadorias como grandezas de mesmo denominador, qualitativamente iguais e quantitativamente comparáveis. Desse modo, ele funciona como medida universal dos valores, sendo apenas por meio dessa função que o ouro, a mercadoria-equivalente específica, torna-se, inicialmente, dinheiro (MARX, 2013, p. 169)⁸.

Dada essa função, o dinheiro passa a expressar a substância social do valor como sua própria substância natural e a grandeza do valor como peso das partes de sua substância que contenham, na sua produção, quantidades equivalentes de tempo de trabalho. “O dinheiro,

6 MARX, Karl. *O Capital I*, 17, p. 610.

7 ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*, p. 123.

8 MARX, Karl. *O capital, I*, 3, 1, p. 169. [Die erste Funktion des Goldes besteht darin, der Warenwelt das Material ihres Wertausdrucks zu liefern oder die Warenwerte als gleichnamige Größen, qualitativ gleiche und quantitativ vergleichbare, darzustellen. (...)]



como medida de valor, é a forma necessária de manifestação da medida imanente de valor das mercadorias: o tempo de trabalho” (MARX, 2013, p. 169)⁹. Por meio dessa função o dinheiro, na expressão de valor, mede o *quantum* de valor das demais mercadorias como *quanta* de si mesmo. Desse modo, o valor, na forma de valor de troca das mercadorias, passa a existir de forma representada em quantidades determinadas de dinheiro.

Se o valor – que já é expressão da atividade humana indiferenciada (*geleia de trabalho humano*) –, passa a existir incorporado nos produtos do trabalho; então, por meio da função do dinheiro como medida dos valores, o valor autonomiza-se mais uma vez – em uma nova apresentação reificada –, como quantidades de uma substância natural, ofuscando assim a sua existência como atividade e, sobretudo, como certo modo de atividade, quer dizer, como relação social de produção das condições de vida dos indivíduos. Dessa maneira o valor aparece agora como qualidade natural de uma coisa – o ouro – que realiza as funções do dinheiro.

Do funcionamento do dinheiro como medida de valor, deriva outra função, na qual o processo de autonomização da relação social do valor desenvolve-se em outra forma de valor: a forma preço. Daí resulta que, tendo medido a grandeza do valor das mercadorias em partes de sua substância (do dinheiro) – conferindo-lhes, desse modo, um preço –, essas mesmas partes são medidas agora, de acordo com o padrão monetário, em nomes que representam os pesos de certas partes alíquotas do metal. Com isso o dinheiro funciona também como padrão de preços, que nada mais é do que uma unidade de metal que mede as demais unidades em pesos do mesmo metal como grandezas de si própria¹⁰. Por meio do padrão de preços as mercadorias recebem um nome – *um outro-de-si nominal* –, como representante simbólico do valor, que figura agora nas suas etiquetas de preços.

O preço ou a forma-dinheiro das mercadorias é, como sua forma de valor em geral, distinto de sua forma corpórea real e palpável, portanto, é uma forma apenas ideal ou representada [vorgestellt]. O valor do ferro, do linho, do trigo etc., apesar de invisível, existe nessas próprias coisas; ele é representado [vorgestellt] por sua igualdade com o ouro, numa relação que só assombra no interior de suas cabeças. Por isso, a fim de informar seus preços ao mundo exterior, o detentor das mercadorias tem ou de passar a língua em suas cabeças, ou nelas fixar etiquetas. Como a expressão dos valores das mercadorias em ouro é ideal, nessa operação só pode ser aplicado o ouro representado [vorgestelltes] ou ideal (MARX, 2013, pp. 170-171)¹¹.

9 Ibidem.

10 Nesse sentido, Teixeira esclarece que: “*enquanto padrão de preços uma certa quantia de ouro é fixa como unidade de medida e suas partes alíquotas como subdivisões desta unidade. Essa quantia fixa recebe um nome legal: por exemplo, 0,5 libra-peso de ouro vale 1 libra esterlina. Que mudem ou não as condições de produção para se produzir 0,5 libra-peso de ouro, que mude portanto o valor em trabalho de 0,5 libra-peso de ouro, essa quantia valerá sempre uma libra esterlina. Assim, se mudar o valor das 0,5 libra-peso de ouro, 1 libra esterlina, que é seu nome de batismo, comprará mais ou menos mercadorias*”. In: TEIXEIRA, Francisco José Soares. *Pensando com Marx*.

11 MARX, Karl. *O Capital I*, 3, 1, pp. 170-171. [Der Preis oder die Geldform der Waren ist, wie ihre



De acordo com essas funções, o dinheiro aparece idealmente, como **representação** do valor (como um significante do valor significado), apesar de esta representação ainda depender diretamente de sua substância material concreta na determinação da medida de valor e do padrão de preços, dada a necessidade de a equiparação entre os elementos da troca se fazer na base da equiparação de um terceiro elemento presente em ambos (aliás, como em qualquer relação entre dois ou mais termos diferentes¹²); muito embora, “o dinheiro aparece nessa mediação não como uma simples mercadoria, mas sim, como equivalente geral, cujo valor é pressuposto quando as mercadorias são permutadas umas pelas outras” (TEIXEIRA, 2006)¹³.

Desse modo, dada a função de medida dos valores, trocas diretas de mercadorias podem ocorrer, mas o dinheiro existe aí somente na cabeça dos trocadores. Mas a contradição inerente ao processo de trocas materiais de mercadorias – que se resolve pela mediação do dinheiro e a cisão do processo nos momentos da compra e da venda –, exige que o penhor social se faça presente também em sua “materialidade”. Tendo o dinheiro recebido sua denominação monetária e as mercadorias os seus nomes de preços nas respectivas etiquetas, o dinheiro deve agora se manifestar na forma de meio de circulação, e o processo de trocas existe agora como processo de circulação de mercadorias.

A fim de exercer praticamente o efeito de um valor de troca, a mercadoria tem de se despojar de seu corpo natural, transformando-se de ouro apenas **representado** em ouro real, mesmo que essa transubstanciação possa ser-lhe mais ‘amarga’ do que o é, para o ‘conceito’ hegeliano, a transição da necessidade à liberdade, ou para uma lagosta a perfuração de sua couraça, ou para São Jerônimo a supressão do velho Adão. No preço, a mercadoria pode possuir, ao lado de sua forma real – ferro etc. –, uma figura de valor ideal ou uma forma-ouro **representada**, porém não pode ser a um só tempo realmente ferro e realmente ouro. Para o estabelecimento de seu preço basta equipará-la ao ouro **representado**, mas, para servir a seu possuidor como equivalente universal, ela tem de ser substituída realmente pelo ouro (MARX, 2013, p. 177)¹⁴.



Wertform überhaupt, eine von ihrer handgreiflich reellen Körperform unterschiedne, also nur ideelle oder vorgestellte Form. Der Wert von Eisen, Leinwand, Weizen usw. existiert, obgleich unsichtbar, in diesen Dingen selbst; er wird vorgestellt durch ihre Gleichheit mit Gold, eine Beziehung zum Gold, die sozusagen nur in ihren Köpfen spukt. Der Warenhüter muß daher seine Zunge in ihren Kopf stecken oder ihnen Papierzettel umhängen, um ihre Preise der Außenwelt mitzuteilen. Da der Ausdruck der Warenwerte in Gold ideell ist, ist zu dieser Operation auch nur vorgestelltes oder ideelles Gold anwendbar.]

12 “Esse terceiro termo, diferente de ambas, uma vez que expressa uma relação, existe de início na cabeça, na representação, da única maneira, enfim, que relações podem ser pensadas se têm de ser fixadas diferentemente dos termos [Subjekten] em que se relacionam”. In: MARX, Karl. *Grundrisse* [77-78], pp. 92-93.

13 TEIXEIRA, Francisco José Soares. *Pensando com Marx*.

14 MARX, Karl. *O Capital I*, 3, 1, p. 177. [Um also praktisch die Wirkung eines Tauscherts auszuüben, muß die Ware ihren natürlichen Leib abstreifen, sich aus nur vorgestellten Gold in wirkliches Gold verwandeln (...) Neben ihrer realen Gestalt, Eisen z.B., kann die Ware im Preise ideelle Wertgestalt oder vorgestellte Goldgestalt besitzen, aber sie kann nicht zugleich wirklich

O dinheiro como meio de circulação surge do processo de trocas e têm sua existência perenemente ligada ao processo de circulação, onde medeia as trocas de mercadorias das mãos para quem são não valores de uso, para as mãos para quem são valores de uso. Nesse movimento, as contradições da esfera da circulação se manifestam à medida que se resolvem.

No processo de circulação de mercadorias a dupla natureza das mercadorias passa a existir exteriormente na mesma proporção em que o processo se cinde em compra e venda. Nesse âmbito, as mercadorias existem como valores de uso reais e valores de troca ideais, representados em seus preços. O dinheiro, por outro lado, existe realmente como valor de troca e idealmente como valor de uso, por meio da série de corpos de mercadorias pelos quais potencialmente se troca.

Essa cisão exterior de valor de uso e valor de troca é acompanhada pelos papéis transitórios do comprador e do vendedor que os portadores de mercadorias representam, dependendo de quem, em dado momento, aparece como portador do dinheiro e quem aparece como portador da mercadoria.

Com a separação dos momentos mutuamente complementares da compra e da venda e a existência de um intervalo possível entre essas operações, surge também a possibilidade de sua não complementaridade, de uma autonomização dos dois momentos, e, por sua vez, de uma ruptura das barreiras tradicionais e locais que condicionavam a troca direta de produtos.

Isso se torna possível, na medida em que, metamorfoseada em meio de circulação, a mercadoria não carrega impressão alguma da sua forma anterior, podendo ser trocada ou não por qualquer outra mercadoria de qualquer outro portador.

Com a circulação, a mercadoria, na sua forma de valor, garante sua liberdade de movimento, adquire o seu digno direito de ir e vir, na mesma proporção em que os indivíduos pseudo-independentes – pois que apenas se encontram em relação privada com as coisas, em uma sociedade de produção pseudo-coletiva – tornam-se dependentes desse metabolismo das coisas, do livre fluxo de dinheiro e mercadoria.

Na realização da função de meio de circulação, o dinheiro se cristaliza na forma da moeda, na qual aparece impresso o mesmo nome monetário que também figura nas etiquetas das mercadorias na forma dos preços. Da mesma maneira que o padrão dos preços, aos quais está associado, o selo das moedas, sua denominação monetária, é outorgado pelo Estado, restringindo os diversos padrões e moedas aos respectivos âmbitos nacionais locais¹⁵. A moeda é, por assim dizer, a forma natural do dinheiro como meio de circulação.

Eisen und wirklich Gold sein. Für ihre Preisgebung genügt es, vorgestelltes Gold ihr gleichzusetzen. Durch Gold ist sie zu ersetzen, damit sie ihrem Besitzer den Dienst eines allgemeinen Äquivalents leiste.]

15 Ibidem, I, 3, 2c, p. 198.



3 Reificação e autonomização das relações sociais diante dos indivíduos na corporalidade imaterial do dinheiro

Como medida de valor, o dinheiro organiza de modo universal o processo de trocas, medindo os valores das mercadorias em partes de sua substância, as quais, no padrão de preços, recebem a denominação adequada para fazer as mercadorias circularem. Com isso, o dinheiro expôs o valor de troca das mercadorias na forma ideal dos seus preços, que gera a partir de então a necessidade de se fazer relacionar, nas trocas reais, o valor das mercadorias nas suas figuras de preço. O surgimento da moeda cria o penhor por meio do qual os preços podem se relacionar fazendo circular as mercadorias, de modo que a moeda dá existência separada – exterior e autônoma – não ao valor ele próprio na forma do produto do trabalho, mas à sua figura simbólica ideal na forma do preço. Isso é ocasião para o surgimento de uma série de outras contradições. Pois, conforme observa Teixeira:

... daí não se segue que a expressão monetária do valor seja necessariamente igual ao tempo de trabalho objetivado na mercadoria. Há uma incongruência entre a grandeza de valor e sua expressão em dinheiro. Ou como diz Marx, “a possibilidade de uma incongruência quantitativa entre o preço e a grandeza de valor é, portanto, inerente à própria forma preço”. (TEIXEIRA, 2006)¹⁶

A moeda, no seu curso – dependente, na realidade, (apesar de aparecer como seu *motor móvel*)¹⁷ do metabolismo do trabalho social –, tende a se precipitar em todo ponto da circulação em que as mercadorias se fazem ausentes, de modo que “o processo de circulação do mundo das mercadorias manifesta-se [...] como uma confusão de cadeias infinitamente entrelaçadas desse movimento que termina e torna a começar sempre sobre uma infinita diversidade de pontos” (MARX, 2008, p. 126)¹⁸.

A existência exterior da moeda exige certa quantidade de sua matéria na realização dos preços, quantidade que é condicionada tanto pela soma dos preços no mercado, quanto pelo grau de encadeamento de trocas sucessivas, de modo que uma mesma peça de moeda possa realizar diversas trocas materiais, valendo virtualmente várias vezes o seu

16 TEIXEIRA, Francisco José Soares. *Pensando com Marx*.

17 “O dinheiro parece adquirir a propriedade de fazer circular as mercadorias, tão-somente porque ele é a forma autonomizada do valor. Enquanto forma autonomizada do valor, e enquanto tal, ele é a encarnação de trabalho diretamente trocável por qualquer outro tipo de trabalho. Por assim ser, as pessoas são levadas a pensar que é ele que faz a riqueza circular, esquecendo-se que o dinheiro é produto da antítese entre valor de uso e valor de troca das mercadorias, e que só existe em função dessa antítese, que reclama uma representação externa, dentro da qual possa se desenvolver e se mover. Além de tudo isso, há que se considerar que o movimento particular do meio de circulação aparece como movimento autônomo porque o dinheiro permanece circulando continuamente, enquanto as mercadorias são retiradas da circulação para serem consumidas”. In: TEIXEIRA, Francisco José Soares. *Pensando com Marx*.

18 MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*, p. 126.



próprio valor de troca.

Isso é possível, como já se disse, não somente pelo fato de as moedas realizarem não o valor real das mercadorias (que, *en passant*, já constitui uma forma abstrata do metabolismo social) – ou seja, trabalho abstrato –, mas a sua figura ideal abstrata de preço, porém também pela consideração não apenas individual, mas total, do processo como um emaranhado de trocas (correspondentes ou não), de modo que a moeda pode se desprender assim da materialidade do valor rumo à virtualidade simbólica meramente numérica (não obstante a exigência da presença material da moeda como corpo simbólico do significante preço).

Nesse processo, portanto, o táler real é um mero signo, desde que se considere não o momento em que ele realiza os preços, mas sim o processo como um todo, em que atua somente como meio de circulação e no qual a realização dos preços é só uma aparência, uma mediação evanescente. (ROSDOLSKY, 2001, pp. 132-133)¹⁹

Isso opõe-se diametralmente à existência ideal do dinheiro como medida de valor que, pelo contrário, depende inteiramente da concretude do valor incorporado no material real do metal. Mas, em virtude dessa natureza materialmente simbólica (e, por assim dizer, imaterial), o peso do metal pode – na sua função de meio de circulação, como moeda –, sem prejuízo para a circulação, separar-se de sua denominação monetária, de modo que a moeda represente tão somente um nome, com uma correspondência não mais material ao seu conteúdo.

Essa dissociação, apesar de poder ocorrer naturalmente pelo próprio desgaste das moedas na circulação – fazendo-as pesar menos do que indicam os seus nomes monetários –, é também realizada arbitrariamente pelo Estado, misturando metais menos nobres aos mais nobres na cunhagem das moedas, ou mesmo utilizando moedas de metais menos nobres com os mesmos nomes monetários dos mais nobres, ou ainda na introdução de símbolos explícitos do valor das moedas, como o papel moeda.

Se o próprio curso do dinheiro separa o conteúdo real da moeda de seu conteúdo nominal, sua existência metálica de sua existência funcional, ele traz consigo, de modo latente, a possibilidade de substituir o dinheiro metálico por moedas de outro material ou por símbolos (MARX, 2013, p. 199)²⁰.

19 ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*, pp. 132-133.

20 MARX, Karl. *O Capital I*, 3, 1, p. 199.



“O valor da moeda pode então ‘passar a ter [...] uma existência separada de sua matéria ou substância’” (ROSDOLSKY, 2001, p. 133)²¹. Ademais, em decorrência do caráter ideal do preço – que se desenvolve no caráter simbólico do meio de circulação –, o dinheiro passa a atribuir preço a coisas que originalmente não possuíam valor (por não serem produtos de trabalho abstrato). De maneira que:

... a forma-preço permite não apenas a possibilidade de uma incongruência quantitativa entre grandeza de valor e preço, isto é, entre a grandeza de valor e sua própria expressão monetária, mas pode abrigar uma contradição qualitativa, de modo que o preço deixe absolutamente de ser expressão de valor, embora o dinheiro não seja mais do que a forma de valor das mercadorias. Assim, coisas que em si mesmas não são mercadorias, como a consciência, a honra etc. podem ser compradas de seus possuidores com dinheiro e, mediante seu preço, assumir a forma-mercadoria, de modo que uma coisa pode formalmente ter um preço mesmo sem ter valor. A expressão do preço se torna aqui imaginária tal como certas grandezas da matemática. Por outro lado, também a forma-preço imaginária – como o preço do solo não cultivado, que não tem valor porque nele nenhum trabalho humano está objetivado –, abriga uma relação efetiva de valor ou uma relação dela derivada (MARX, 2013, p. 177)²².

A relação monetária, dada a maleabilidade e incorruptibilidade de sua corporeidade imaterial, torna-se agora, no processo de seu desenvolvimento e generalização, modelo – pretensamente total – de todo tipo de relação social humana.



21 ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*, p. 133.

22 MARX, Karl. *O Capital I*, 3, 1, p. 177.

REFERÊNCIAS

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: Livro I: O processo de produção do capital**. [tradução de Rubens Enderle]. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Das Kapital, Kritik der politischen Ökonomie**. Ungekürzte Ausgabe nach der zweiten Auflage von 1872. Mit einem Geleitwort von Karl Korsch aus dem Jahre 1932. Köln: Anaconda, 2009.

MARX, Karl. **Capítulo VI inédito de O Capital, resultado do processo de produção imediata**. tr. br. Klaus Von Puchen. São Paulo: Centauro, 2004.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. tradução Maria Helena Barreto Alves. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política**. Trad. br. Mario Duayer, Nélio Schneider (colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman). São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx**. trad. César Benjamin. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2001.

TEIXEIRA, Francisco José Soares. **Pensando com Marx**. Disponível em: <http://franciscojoseteixeira.blogspot.com.br/2006/09/pensando-com-marx-livro.html> Acesso em: 28/08/2014.

ŽIŽEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma? In: ŽIŽEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

* * *

MAIA, Álvaro Lins Monteiro. “O tesouro que nem a ferrugem nem as traças corroem”: da corporalidade imaterial do dinheiro na Crítica da Economia Política. **Kalagatos**, Fortaleza, v. 13, n. 27, 2016, p. 149-161.

Recebido: 08/07/2016
Aprovado: 10/09/2016

